



# Desafios à Escola Contemporânea: um diálogo

Doutor em História da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, onde é professor, Jorge Ramos do Ó tem mantido contato estreito com diversas universidades brasileiras. Suas pesquisas sobre as tecnologias de individualização e de poder-saber na educação, bem como seus estudos sobre o discurso pedagógico na modernidade trazem uma importante contribuição ao pensamento educacional. Nesta entrevista<sup>1</sup>, ele debate com a professora Marisa Vorraber Costa, com intermediação do jornalista Francisco Eboli, discutindo sobre novas configurações da escola, no século XXI, e tratando especialmente das novas subjetividades, em meio às transformações nos modos de comunicação e informação no mundo contemporâneo.

*A escola é uma instituição secular que mantém algumas características bastante firmes, intocadas. A escola do século XXI mudou? Vem mudando? E o que se mantém e o que se transforma na escola atual?*

**Jorge Ramos do Ó** – Para mim o que é mais evidente como historiador é que a escola mudou, apesar de tudo, menos rapidamente do que mudou a população que a foi constituindo. O modelo secular que temos hoje é um modelo que foi criado no final do século XIX e que se baseia estruturalmente, digamos assim, na construção de grupos homogêneos de alunos que progridem por classes e onde existe sempre uma correlação entre a idade do aluno e o saber que lhe é fornecido. Estes grupos-classe são, ainda, constituídos por regimes de avaliação muito próximos e o conteúdo ministrado é um conteúdo racionalista, que podemos dizer que visa construir através das disciplinas do plano de estudo uma visão racional e articulada da realidade, que tem dentro dela um modelo intelectual que consiste em imaginar que o mundo é um mundo completo. E que esses saberes vão sendo conquistados por níveis de complexidade distintos. É, portanto, um modelo racionalista, herdado das luzes, do Iluminismo. Esse modelo, eu julgo, a sociedade foi abandonando, sobretudo nas últimas décadas. Nós hoje temos mais consciência sobre a importância das contradições nos diversos domínios da vida política, social e econômica, a nossa identidade está bem mais marcada por ambivalências e por ambigüidades múltiplas que todos enfrentamos. Ora, parece-me que a escola tem refletido pouco sobre essa mudança; ela continua a funcionar a partir de idéias claras e distintas sobre o que é certo e errado. A noção de fronteira, tendo em vista o estabelecimento definitivo da verdade, está na base da escola que todos conhecemos. O modelo de educação que nós temos está mais perto do século XIX do que do século atual. E os alunos que nós temos, evidentemente, são mais do século XXI do que do século XIX. De maneira que, parece-me, há um desencontro. Com isso não digo que a escola não tenha mudado, acho que mudou. Mas esta estrutura de que falei penso que se mantém intacta, lamentavelmente.

*Para o senhor, qual a estrutura ideal dessa escola do século XXI?*

**Jorge Ramos do Ó** – Eu, como historiador, tenho dificuldades em pensar sobre ela; não sonho com modelos. Apenas consigo refletir, muito francamente, sobre uma estrutura existente e cujas dualidades, ou cujas fraquezas, me parecem cada vez mais evidentes. As fraquezas do modelo escolar são que todas as tarefas do aluno resultam do exercício de leitura que se tornou completamente hegemônico no trabalho escolar. Todas as nossas aprendizagens escolares têm como base a leitura, a nossa mundividência remete para a verdade que é expressa no livro. Ora, o que é espantoso é que, pelo contrário, todas as avaliações de conhecimentos reclamam produtos escritos. Isso, na minha visão, cria um problema insolúvel. Como é que você consegue, a partir de uma idéia de leitor, desencadear uma prática de escrita? Acho que nós temos aqui um distanciamento

e uma contradição que permanece cega. Se as aprendizagens que fazemos decorrem em bloco da leitura, é para mim mais ou menos fatal que se idealize e endeusem os processos de escrita. Escrever é, sem dúvida alguma, uma das maiores dificuldades que enfrenta todo o habitante da instituição escolar, e o problema cresce à medida que os alunos progridem na escolaridade. Infelizmente é cada vez mais freqüente encontrar bloqueios de escrita nos alunos que freqüentam os nossos cursos de mestrado e doutorado. A sua escolaridade anterior foi quase sempre excelente, mas não lhes forneceu técnicas e hábitos capazes de gerar e sustentar uma escrita criativa. De fato, os alunos são sujeitos a processos que os reenviam permanentemente para um mundo já totalmente feito de aparência clássica, e onde o confronto se faz sempre com os grandes autores, com as verdades científicas já inteiramente construídas e constituídas. Fica assim quase interdito o princípio – que me parece essencial numa sociedade que vise democratizar a cultura – de que todo e qualquer exercício escritural é, na verdade, um exercício contingente e sempre destinado a uma reescrita. Toda a escrita é sempre uma reescrita e um devir de escrita. Temos de insistir numa idéia central: a de que todos escrevem a partir de rastros e de fragmentos de outras escritas. E em vez de divinizar o Autor como uma autoridade e um sábio, deveríamos passar a desejar que outros se alimentem das nossas palavras escritas para construir sua própria linguagem. Analisado deste ponto de vista, o texto é um exercício que questiona a verdade, e não transporta a verdade em si mesmo. Todo o discurso me parece, assim, contingente e apenas demonstra o absoluto da interdependência, da reciprocidade, da intertextualidade. Então, em relação a sua pergunta, o que me parece bastante complexo nos tempos de hoje é essa possibilidade de nós produzirmos no interior da cultura escolar mecanismos onde a escrita seja uma prática do cotidiano, onde o desejo de escrever se possa instalar, onde o desejo de compreender e imaginar o mundo se amplie. Tratar-se-ia de uma mudança de paradigmas: substituir a leitura pela escrita. Julgo que esse tempo está muito distante da atualidade porque é um tempo em que nós poderíamos imaginar que cada aluno se constituiria num ponto de passagem e de transformação da linguagem.

*E o professor, onde ele fica no meio desse processo?*

**Jorge Ramos do Ó** – O papel do professor teria de passar a definir-se cada vez menos como reprodutor de uma verdade estabelecida, quase sempre expressa no manual escolar, da verdade que está no programa. Acho que o professor deveria saber transformar-se num ator social, capaz de escutar como escuta as necessidades dos alunos, e basear todo seu trabalho na troca dessa prática da escrita na sala de aula. Que seja alguém que facilite a comunicação do aluno com seu texto. Da busca permanente do texto no interior da sala de aula. Eu imagino alguém que pudesse, digamos assim, mais do que ser um porta-voz da verdade, ser alguém cujo trabalho se concretizasse no exercício criativo de seus alunos. Há aqui uma mudança também: ele deveria perder todo esse velho poder de vigilante da escrita, alguém que se compraz na correção do erro, assinalando o

que está mal e valoriza o certo. Note-se bem: historicamente o professor foi colocado fora do processo de construção da aprendizagem. Importaria partir para uma nova relação e que também ele ficasse vinculado ao exercício da produção científica. Acho muito importante que todos nós pudéssemos falar das dificuldades da escrita, das dificuldades da construção, das relações no mundo – que é um mundo muito fluído, muito dinâmico –, das dificuldades de estabilização de categorias de apreciação da realidade. E o professor, para trabalhar nisso com qualquer aluno, de qualquer idade, terá ele próprio que estar vinculado a esse processo criativo. Já não será o mensageiro da verdade, como costumava dizer, mas um construtor de representações do mundo, das intermináveis apreensões do mundo.

*E como você avalia o papel das novas tecnologias?*

**Jorge Ramos do Ó** – Essa pergunta que me fazes é uma pergunta sobre a qual eu francamente não posso dizer muito mais do que aquilo que estive a afirmar até agora. O que eu penso é que se imaginamos uma criança ou um adolescente dos tempos de agora, tendo a achar que eles constroem a linguagem e vão imaginando a forma do mundo à medida que vão recorrendo a essas tecnologias. E esse domínio é, como eu digo, a criação do mundo e a constituição de um discurso sobre o mundo. Quando há pouco lhe falava que acredito que existe uma disparidade entre o aluno do século XXI e lhe dizia que a escola que temos é ainda a do século XIX, pensava também nas novas tecnologias e no seu efeito estruturante sobre a cognição infanto-juvenil. Não é de um computador na sala de aula que estou a falar. Falo das novas tecnologias capazes de produzir uma compreensão e uma codificação verbal da realidade muito mais sofisticada do que aquela que nós tínhamos. Portanto, o que acho que acontece hoje é uma espécie de guerra a essa capacidade que os meninos e meninas têm de construir a linguagem do mundo por meio de toda a tecnologia que dominam mais e melhor do que os adultos. Há aqui um conflito que não é apenas de gerações; é primordialmente de linguagem. Fatalmente temos que nos adaptar aos artefatos da tecnologia e utilizá-los como recurso para a transformação da nossa mundividência. Isso porque o mundo tornou-se muito mais extenso, mais complexo, sobretudo, através das novas tecnologias, não fazendo mais sentido, por exemplo, opor natureza e cultura. Para o que me interessa é óbvio que hoje as crianças e os jovens utilizam uma escrita que permanece fora da instituição escolar. De alguma maneira, acho que as novas tecnologias constituem a base de uma linguagem que os meninos e meninas desses novos tempos estão a construir. Parece que nunca as crianças e jovens de alguma geração haviam produzido uma forma de comunicação escrita como a que se plasma no MSN (Messenger) ou nos celulares, etc.

**Marisa Vorraber Costa** – A mim parece que a escola não entende esse fenómeno da proeminência das tecnologias como objeto de aprendizagens importantes para as crianças e jovens de hoje. A visão predominante que se tem é

de que essas são as “coisas” do contemporâneo que atrapalham a educação. E isso não é incorporado por não ser reconhecido como saber válido. Por sua vez, as crianças e jovens vivem e experimentam intensamente esse cotidiano contemporâneo inundado pelas tecnologias. E aqui tecnologia não é só o computador, mas é a própria cultura da imagem que não está apenas na televisão, nos jogos eletrônicos, na MTV, mas está em tudo – *outdoors* digitais, celulares com imagens, *i-pods*, mp3, mp4 – , compondo e formatando nossas formas de ver, pensar e atuar no e sobre o mundo. Isso que chamo de cultura da imagem faz parte do dia-a-dia e, como a educação escolarizada não dá conta disso, as crianças vão resolvendo por sua própria conta. Por exemplo, essa escrita reduzida que se usa em mensagens de internet, celular, etc. (qdo, vc, blz), e tantas outras escritas novas, icônicas – ;) :- :-o :P (h) :) – que eles vão criando, são tentativas de movimentar-se em meio a um novo ambiente em que as tecnologias misturam-se com o humano, em novas ecologias. Quer dizer, crianças e jovens estão inventando novas linguagens nessa simbiose com as máquinas. Parece que a escola não considera, não consagra e não está interessada em trabalhar com isso, algo que, a meu ver, seria extremamente estimulante para as crianças.

*E o fato de a escola não trabalhar isso não acaba afastando os alunos?*

**Jorge Ramos do Ó** – Essa linguagem é ela própria um produto e, ao mesmo tempo, produtora do mundo que está sempre em acontecimento.

*E é este o grande desafio da escola hoje?*

**Jorge Ramos do Ó** – A escola nunca se confrontou com esse problema.

**Marisa Vorraber Costa** – Bem, eu penso que nós teríamos que tentar compreender a importância dessa verdadeira mutação que testemunhamos hoje. O que mais se faz, contudo, parece que tem sido desqualificar essas novas experiências, considerando tudo isso como uma cultura que não vale, que não tem importância, que apenas interfere e atrapalha as “boas” aprendizagens. E isso não quer dizer, do meu ponto de vista, que a cultura escolar, da letra pura, da literatura, das ciências e das artes não tenha mais valor. Tem. Mas junto com ela está surgindo um outro universo, cheio de novas experiências, com novos significados, novos comportamentos, novos interesses e novas formas de vida. Esse universo está invadindo a vida das crianças e precisaria ser considerado pela escola. Os professores, a meu ver, necessitam preparar-se para perceber isso, para entender e reconhecer a importância dessas transformações. E daí capacitarem-se para lidar com elas.

*O aluno que chega à escola, hoje, dominando todas essas tecnologias, é muito diferente do aluno que chegava à escola vinte anos atrás?*

**Jorge Ramos do Ó** – E não é só a questão das competências tecnológicas que esses meninos trazem. É também o valor da construção da própria identidade. Porque esse modelo racionalista do século XIX supõe uma idéia estável e preexistente de sujeito. O que acontece hoje é que essas linguagens viabilizam jogos de identidade muitíssimo complexos. A identidade pessoal é evidentemente uma construção inacabada, e o eu um projeto marcado por múltiplas trajetórias. Quando você encontra um grupo de jovens que está a conversar na escola, e esse grupo de jovens precisa se afastar, se isolar para poder se comunicar intimamente com os colegas através do Messenger, você não pode saber onde está o tal “eu” verdadeiro. É quando a criança está numa relação face a face com outra ou é quando está em casa e começa a contar todas suas fantasias ao brincar de um personagem com os amigos da escola? Que significa confessar no Messenger facetas que não conseguem dizer ao vivo?

**Marisa Vorraber Costa** – Penso que essas tecnologias são uma espécie de produtoras da subjetividade. De novos jeitos de ser sujeito. Novas formas de viver, novas formas de ser pessoa humana.

*E como você vê essa relação que existe hoje entre a escola e a mídia? Da mídia assumindo, de certo modo, a função da escola.*

**Marisa Vorraber Costa** – Bem, isso é o que no campo dos Estudos Culturais tem sido chamado de *pedagogias culturais*. É claro que todas as pedagogias são culturais, inclusive as escolares, mas essa expressão tem sido empregada para distinguir e identificar as pedagogias não escolares. Houve uma tendência de se pensar que pedagogia é algo privativo da escola, da família, da Igreja. Contudo, inúmeras pesquisas e estudos têm mostrado que a televisão, por exemplo, tem sido uma das professoras mais convincentes dessa segunda metade do século XX. Ela é o grande fenômeno da comunicação e da tecnologia desse período, e seu prestígio parece permanecer intocado. Há mais de cinquenta anos que a televisão é uma tecnologia que não cede lugar para qualquer outra em termos de produtividade para criar e fazer circular os discursos do seu tempo. Ela continua com uma importância fantástica. A gente sabe que, hoje, os jornais estão com quedas em suas vendas, e que eles são uma forma de mídia que está sendo substituída ou, pelo menos, complementada por outras mídias. Por exemplo, já não se lê jornal para saber as últimas notícias, uma vez que antes dele o celular ou a internet já informaram. A televisão, porém, é uma mídia que está sempre ali. Ela está implicada na simultaneidade do acontecimento e da comunicação. E o que ela veicula tem muita coisa do hoje, daquilo que está em voga. Então, os modelos que começam a surgir, por exemplo, nas novelas e nessa infinidade de programas que há, são adotados, assimilados. É desse modo que ela educa. A TV mostra e dissemina modos de ser, de pensar, de viver, de comportar-se; e ela não precisa ser intencionalmente formadora, parece que mesmo na informalidade da relação com a televisão, as crianças e jovens (e também os adultos) aprendem incontáveis e inusitadas lições.

**Jorge do Ó** – Concordo com tudo que a Marisa disse. Acho também que a televisão hoje sofre uma concorrência fortíssima nessa modulação de subjetividade, nessa produção de modelos, com a internet. Julgo, posso estar enganado, que podem entender como um diagnóstico ou uma projeção o que vou dizer a seguir. Temos, na sociedade contemporânea, tribos de jovens e adolescentes com uma forte identidade cultural e com uma identidade que é muito contrastante entre si. Eu julgo que a televisão continua a ter modelos muito padronizados. Modelos hegemônicos. E você observa a construção de diversas tribos urbanas que acho que tem a ver com uma possibilidade que considero muito importante que é a idéia de que você pode, de alguma maneira, construir discursos culturais. A internet, com essa sua idéia de multivetorialidade, multidirecionalidade, vem, digamos assim, desinstalar essa visão.

*E o aluno?*

**Marisa Vorraber Costa** – O aluno senta na escola e tem que ficar lendo um livro didático, um texto qualquer, repetindo e memorizando coisas...

**Jorge do Ó** — Como se fosse no século XIX ...

**Marisa Vorraber Costa** – E o trabalho é escrever uma redação sobre o livro que ele leu. Quando ele passou todo o tempo, como o Jorge falou, lendo. E no trabalho de escrever, ele tem aquilo como única referência, então, acaba que as crianças preferem expressar-se (mesmo sobre o livro) fazendo desenhos, e são boas nisso. Suas mentes estão cheias de imagens.

*E como você analisa essa influência da televisão, na formação da identidade das crianças e adolescentes, e os problemas emocionais para aquelas que não se encaixam nesse “padrão”?*

**Jorge Ramos do Ó** – Isso tem a ver com um outro problema e, se você quiser, poderíamos passar horas falando sobre o tema. O modelo escolar que começa no final do século XIX é um modelo muito baseado no princípio da homogeneidade. Embora se fale muito na diferença da criança, que cada criança é uma criança, você tem todo um currículo escolar que está desenhado para a construção de grupos de alunos muito idênticos. O professor se acostumou a dirigir-se ao que ele pensa ser o aluno médio. Portanto, você tem por um lado uma forte pressão sobre as crianças para se “normalizarem” e, por outro, princípios de forte estigmatização. E essa estigmatização é tão importante porque ela leva o princípio da “normalização” e atinge áreas muito diferentes. Você pode ter muito valor no plano da sua inteligência, mas se não for bonito ou autocontrolado não terá sucesso. Nós estamos a construir, em nome dessa homogeneidade que ninguém fala, crianças com muito sofrimento e uma fortíssima vigilância face a um padrão normal.

*Então, qual seria o modelo de escola para um futuro melhor?*

**Marisa Vorraber Costa** – É uma coisa muito difícil pensar em “um” modelo de escola para uma sociedade que é tão plurifacetada, e para um tempo em que tudo escorre como os líquidos, como diz Zygmunt Bauman, um dos grandes analistas da contemporaneidade. A tônica dos nossos tempos é a volatilidade das coisas, a efemeridade. O que vigora hoje, amanhã já não é mais importante. Temos um grande desejo e quando conseguimos realizá-lo, naquele exato momento, ele deixa de ser importante e já queremos algo diferente. Nunca estaremos satisfeitos. De uma certa forma, nossa experiência de espaço e de tempo nas sociedades atuais está completamente modificada com essas novas formas como elas se apresentam. Então parece impossível pensar em “um” modelo de escola para uma era assim tão fluída. Não podemos esquecer que a escola é uma instituição que foi inventada em um mundo que era o mundo da ordem, das coisas certas, nos lugares certos, nas horas certas. E esse mundo foi fraturado, está em cacos. E aí, o que a escola faz? De certa forma, como ela não consegue acompanhar isso, e talvez seja exatamente porque há uma disjunção entre o *ethos* da escola e os tempos pós-modernos, diz-se que está em crise. O que a gente poderia pensar, refletindo um pouco, seria que se a escola se abrisse um pouco mais, se tornasse mais permeável a estes modos de ser contemporâneos, experimentasse mais essas novas formas de viver, poderia, quem sabe, inventar outras formas de educar. Talvez, exatamente como o Jorge já falou antes, os professores pudessem deixar de ser mensageiros da verdade, e dedicar-se, junto com seus alunos, à construção de representações do mundo, a partir das intermináveis apreensões, interpretações, reinvenções possíveis.

**Jorge Ramos do Ó** – Temos que valorizar menos aquilo que o aluno consegue reproduzir e mais aquilo que ele consegue construir. E a compreensão aguda dos processos construtivos é para mim o mais importante. O que nos interessa produzir conhecimentos que nós sabemos que estarão desatualizados daqui a dez anos? Importa, sim, dominar as técnicas e os processos que permitem construir as várias formas de conhecimento.

### Notas

1. Entrevista realizada por ocasião da participação de Jorge Ramos do Ó, professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, como palestrante convidado da sessão de 27 de setembro de 2007 das *Jornadas de Pesquisa em Educação e Cultura*, promovidas pelo Grupo de Pesquisa sobre Cultura e Educação (GPCE) e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA. Marisa Vorraber Costa é coordenadora das Jornadas e Docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação da ULBRA e da UFRGS.